

2014/05/26

## O regresso da Rússia

*Alexandre Reis Rodrigues*

Com a crise ucraniana a Europa passou a viver a mais grave situação de segurança desde o fim da Guerra Fria mas, curiosamente, pouca gente se mostra preocupada. O assunto só marginalmente ocupa espaço nos órgãos de comunicação social. Obviamente, a situação é diferente entre os países da proximidade, principalmente nos que hoje são membros da NATO e não vêm os seus aliados a partilharem os seus receios, muito menos a darem sinais e passos concretos para reconhecimento de que a presença militar da NATO na região precisa de ser reforçada. A distância pode explicar muita coisa mas a Aliança sai fragilizada deste tipo de situações sejam quais forem as explicações.



Com a crise ucraniana a Europa passou a viver a mais grave situação de segurança desde o fim da Guerra Fria mas, curiosamente, pouca gente se mostra preocupada. O assunto só marginalmente ocupa espaço nos órgãos de comunicação social. Obviamente, a situação é diferente entre os países da proximidade, principalmente nos que hoje são membros da NATO e não vêm os seus aliados a partilharem os seus receios, muito menos a darem sinais e passos concretos para reconhecimento de que a presença militar da NATO na região precisa de ser reforçada. A distância pode explicar muita coisa mas a Aliança sai fragilizada deste tipo de situações sejam quais forem as explicações.

O que tem sido feito, no âmbito da NATO, não vai além do nível simbólico. Não obstante a retórica de condenação das ações e, em geral, da postura russa, os EUA não estão a perceber a situação como urgente nem a darem indicações de que seguem a interpretação, sugerida nalguns círculos, de que poderemos estar perante um regresso ao clima da Guerra Fria. Trata-se, de facto, de um exagero que ignora que Moscovo não quer - e mesmo que quisesse, não conseguiria - recriar um novo Pacto militar contra o Ocidente, nem pretende constituir-se de novo como uma ameaça à integridade da Europa.

Malgrado este quadro, não têm razão os que não estão preocupados. Não haverá regresso à Guerra Fria mas teremos de novo um ambiente de tensões em parte típico desse contexto. Ficarão expostas, mais uma vez, as diferenças de entendimento que existem, quer no seio da Europa, quer entre esta e os EUA, sobre a forma como a Europa se deve relacionar com a Rússia, situação que fragiliza o Ocidente. Teremos, por um lado, uma Rússia renascida e em pleno processo de desenvolvimento de parcerias com a China<sup>1</sup>, e, por outro lado, uma Europa enfraquecida e os EUA centrados na Ásia/Pacífico. Não é, obviamente, uma combinação confortável para os europeus.

Demorou menos tempo do que se esperava, para a Rússia sair do caos em que tinha caído na sequência da implosão da União Soviética e que se prolongou por todo o mandato de Ieltsin. Mesmo assim, em 2004, com Putin à frente do destino

---

<sup>1</sup> Na recente deslocação que Putin fez a Pequim, foi, finalmente, conseguido um acordo de fornecimento de gás que se negociava há uma década. Moscovo não se poupou a esforços para o conseguir dando incentivos, quer pela redução do preço, quer por outras concessões de participação em empresas russas (Rosneft e terminal de gás liquefeito em Vladivostok). Obviamente, por detrás desta flexibilidade esteve a crise que se desenrola com a Europa nesta área.

da Rússia e já com quatro anos de caminho de recuperação, ainda foi possível à NATO fazer a integração dos três Estados Bálticos, sem mais do que alguns protestos de Moscovo. A Aliança chegava assim à linha de defesa próxima da Rússia. Para a preencher de forma mais abrangente ficava a faltar a inclusão da Ucrânia, o que não se concretizou em 2008, (Cimeira de Bucareste) apenas porque a Alemanha e a França conseguiram substituir a proposta americana da sua entrada imediata pela promessa de que um dia, juntamente com a Geórgia, os dois países seriam membros da NATO. Em 1999, a NATO tinha começado a chegar à primeira linha de defesa, com a admissão da Polónia, República Checa e Hungria, processo depois completado com a admissão da Roménia e Bulgária, em 2004.

Se os EUA tivessem agido com rapidez suficiente – diz George Friedman<sup>2</sup> – a Ucrânia e o Cazaquistão poderiam ter sido integrados na NATO, logo do início do processo, sem que a Rússia pudesse travar esse passo. Henry Kissinger, porém, tem mantido, desde 2002, uma opinião divergente, quer desta, quer da que acabou por ser adotada pela Aliança: o «Ocidente deve ter o cuidado de não aproximar demasiado o seu sistema militar integrado das fronteiras da Rússia mas, do mesmo modo, tem a obrigação de induzir a Rússia a abandonar a sua ânsia de domínio sobre os países vizinhos»<sup>3</sup>. Em 2008,<sup>4</sup> Kissinger defendia que os «EUA devam apoiar sem ambiguidades um estatuto de genuína neutralidade para a Ucrânia». Não foi ouvido, mas hoje a solução em que se deposita mais esperança é conseguir o chamado “estatuto finlandês”<sup>5</sup>, precisamente o que Kissinger sugeria. Resta saber se vai a tempo e, principalmente, se os políticos ucranianos são capazes de trocar o confronto permanente entre a visão pró-ocidental e pró-russa, que tem estado a dividir o País, pela escolha de um caminho próprio de equilíbrio entre as duas possibilidades. O resultado das eleições presidenciais realizadas ontem dão alguma esperança mas ainda é tudo muito incerto.

Moscovo não se mostra interessado em corresponder à parceria estratégica que a NATO definiu no Conceito Estratégico de Lisboa, aliás da mesma forma que não deu resposta útil ao “reset” das relações com os EUA proposto por Hillary Clinton no primeiro mandato do Presidente Obama. Ou não vê vantagens nesses projetos ou não acolhe a forma como têm sido abordados. Presume-se que encara uma parceria como uma limitação ao objetivo de reconstituição do estatuto de potência regional com o seu espaço próprio livre de interferências externas. Nestes termos, a recomendação que Kissinger fazia em 2002 já perdeu oportunidade: «Se a Rússia se sentir satisfeita dentro das atuais fronteiras, as suas relações com o mundo exterior devem melhorar rapidamente».<sup>6</sup>

O aspeto mais preocupante deste novo contexto já se tornou patente há algum tempo com as sucessivas indisponibilidades de Moscovo para ajudar o Ocidente a

---

<sup>2</sup> Em “A próxima década onde temos estado ... e para onde nos dirigimos”.

<sup>3</sup> Em “Precisará a América de uma política externa? Uma diplomacia para o século XXI”.

<sup>4</sup> «*The issue of relations with Ukraine goes to the heart of both sides’ perceptions of the nature of international relations. Genuine independence for Ukraine is essential for a peaceful international system and must be unambiguously supported by the U.S. But the movement of the western security system from the Elbe river to the approaches to Moscow brings home Russia’s decline in a way bound to generate a Russian emotion that will inhibit the solution of all other issues. It should be kept on the table without forcing the issue to determine the possibilities of making progress on other issues.*» in IHT, 2 July, “Unconventional wisdom”:

<sup>5</sup> «*Finish foreign policy during the Cold War successfully preserved Finland’s territorial and economic sovereignty, through adherence to a careful policy of neutrality in foreign affairs*» Segundo uma monografia recente do Departamento de Estado (Office of the Historian).

<sup>6</sup> Em “Precisará a América de uma política externa? Uma diplomacia para o século XXI”.

resolver crises e conflitos, nomeadamente onde estão a ser cometidos crimes contra a humanidade, como é por exemplo, o caso da Síria, um País que continuará a destruir-se a si próprio se nada for feito pela comunidade internacional. Os Europeus vão ter que se preparar para lidar com uma Rússia que, sem qualquer flexibilidade, tenderá a encarar o seu relacionamento internacional apenas e exclusivamente em função dos seus interesses geopolíticos, quer sejam diretos ou indiretos, quer sejam de curto ou longo prazo, e independentemente de tudo o mais que estiver em jogo. Não é uma boa notícia.